

Noite é dos Tambores

Um dos mais belos e místicos momentos do Carnaval recifense acontece hoje, a partir das 20h, no Pátio do Terço, bairro de São José. Trata-se da Noite dos Tambores Silenciosos, evento cultural que reunirá onze maracatus de baque virado para uma grande celebração. O ponto alto está previsto para a meia-noite, quando o rufar dos tambores pára, todas as luzes são apagadas e os participantes iniciam uma homenagem a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e aos egus (ancestrais mortos).

Este ano, o evento poderá ser admirado com mais tranquilidade. Pelo menos é o que se espera, com as modificações implantadas na festa pela Prefeitura da Cidade do Recife (PCR). Foram construídos dois lances de arquibancadas, cada uma

com três degraus; o palco foi alterado para não prejudicar a performance de cada agremiação; os desfiles terão uma dinâmica modificada, e a iluminação ganhou o reforço de 16 refletores. O investimento total da PCR foi de R\$ 25 mil.

O coordenador do Carnaval do Recife, Marcos Batista, explica que as mudanças foram necessárias devido ao crescente número de pessoas que prestigiam o evento. "Apesar de o Pátio do Terço ser pequeno, nós não poderíamos mudar a Noite de lugar porque já é uma tradição. Assim, decidimos otimizar o espaço disponível", destacou. A expectativa da Associação de Agremiações Carnavalescas do Bairro de São José é superar o público do ano passado, estimado em 10 mil pessoas.

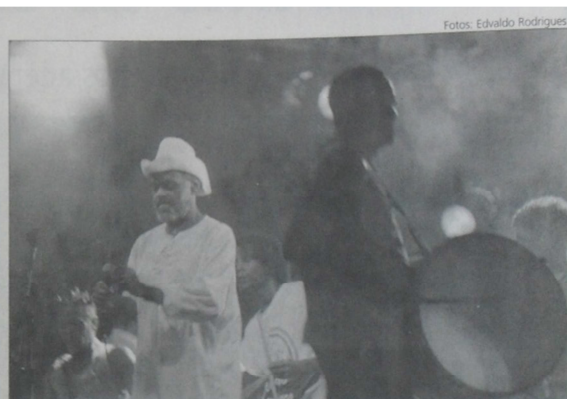
Mudança nos Tambores

As modificações feitas na organização da Noite dos Tambores Silenciosos acabaram dividindo as opiniões do público e dos grupos que participaram da festa, na noite da segunda-feira. Para muitos, a implantação de arquibancadas não surtiu o efeito desejado.

O contador Giovanni Barreto era um dos que reclamavam. "Antes, os maracatus atravessavam a rua Vidal de Negreiros até chegar à Igreja. Todo mundo via o desfile", dizia. Com as alterações, os blocos entraram pela lateral da Igreja do Terço, apresentando-se num palco e seguindo para o público. O objetivo da Prefeitura do Recife foi otimizar o pouco espaço disponível. Mas outros aprovaram. "Foi possível admirar a beleza das fantasias", opinou Alexandre Machado.



Encontro de mestres do maracatu foi o momento mais arrepiante do Rec Beat



Naná Vasconcelos (à direita) fez, ao lado do irmão Erasto, um show pesado

Rec Beat arrasta cinco mil por noite e firma-se definitivamente

Rua da Moeda atrai foliões alternativos e mistura atrações regionais com pop rock

Rua da Moeda atrai foliões alternativos e mistura atrações regionais com pop rock

Rodrigo Salem
DA EQUIPE DO DIÁRIO

A no passado ainda era novidade, algo meio restrito a antenados. Neste ano, o festival Rec Beat se tornou uma realidade. Nesta espécie de oásis musical, onde o rock não perde espaço para marchinhas de Carnaval, o folião alternativo teve à disposição mais de trinta atrações musicais, a ajuda de uma estrutura dos bares do Pólo Moeda e a presença de cerca cinco mil pessoas, em média, durante os seis dias do evento — dependendo, claro, do peso do grupo no palco. E neste quesito, o Rec Beat serviu também para confirmar a força da volta dos paulistas do Ira!, donos do show mais disputado do festival, na sexta-feira.

Na verdade, a quinta já mostrava que a Rua da Moeda ia ser invadida de vez pelos carnavalescos, quando o Mestre Ambrósio fez uma apresentação memorável na fren-

te de três mil pessoas. Quando chegou a sexta-feira, o Rec Beat acabou se tornando a única atração de peso da cidade, ajudando os grupos River Raid, Stela Campos e Chão e Chinelo. Mas quando o Ira! subiu ao palco, não havia espaço para arpedimentos: apesar da voz desgastada de Nasi, Edgard Scandurra mostrou outra vez porque é considerado o melhor guitarrista de rock do País, transformando o local num verdadeiro caldeirão para o show do Faces do Subúrbio.

A rivalidade com o Carnaval de Olinda fez o sábado ficar mais tranquilo para quem quisesse conferir o *Cramps do Sertão*, Matalanãmão, ou o techno-orgânico do DJ Dolores. Nada melhor para dar umas boas risadas no carimbó de Pinduca e para conferir três novas músicas do mundo livre *s/a* (duas delas intituladas de *Mistério do Samba* e *Concorra a um Carro*). O sábado deixou muitos desconfiados em relação ao do-

mingo, mas o público sobrevivente resolveu aparecer: ainda em pouco número para a apresentação histórica — e, infelizmente, datada — do Fellini e já em número mais que suficiente para a clonada *jump-music* de Pedro Luís e a Parede. Sorte do Via Sat, que estava lançando o disco independente naquele dia.

VENDAGEM - E o show dos pernambucanos pareceu ter agrado. O disco foi um dos mais vendidos da barraca montada em frente ao Pina de Copacabana (por sinal, a salvação da noite para uma boa culinária). Ao lado do disco do Mestre Salustiano, *Via Sat* foi para as mãos de mais de 50 pessoas, em apenas uma noite. A coletânea *PE em Concerto* também conseguiu atingir seu público. “Os discos de Carnaval tradicional são procurados mais por pessoas de outros Estados. Os novos da cena mangue estão vendendo entre os

próprios pernambucanos”, explicou Nilo Pipoca, responsável pelo ponto, ao lado de Jorge Negão, da África Produções.

A segunda-feira foi o dia menos procurado pelo público, acostumado com atrações de rock. O eclético DJ Caphagerson conseguiu empolgar, coisa que muitos dos DJs não fizeram nos dias anteriores. Se a noite já não estava muito em alta (estava tendo show de Zeca Baleiro na Praça do Arsenal e Noite dos Tambores Silenciosos, no Pátio do Terço), o cearense Método Tufo de Experiência espantou boa parte dos curiosos, fazendo um techno cabeçoi-de chatíssimo, dez mil anos à frente de seu tempo — o que nos deixa com medo do futuro. Ortinho entrou logo depois, empolgou de início, mas mostrou um show muito linear e sem a personalidade habitual do carismático vocalista, lembrando muito os primeiros trabalhos de Alceu e toques de Lenine,

mas sem apetrechos eletrônicos. Mas o ponto alto da noite ainda estava a caminho — literalmente. O encontro de Mestres do Maracatu Nação Estrela Brilhante e Piaba de Ouro foi de arrepiar. Os grupos percussivos conseguiram no suor e nas mãos tudo o que os DJs e grupos modernos de plantão tentaram durante todos os outros dias: transformar a Rua da Moeda numa rave típica brasileira, despojada, energética e tribal. Talvez tenha sido a parte mais interessante de todo o festival. Naná Vasconcelos veio logo depois e manteve o ritmo com o irmão Erasto, apesar da levada mais épica — forçada pela guitarra *hard-rock* do arranjo, que muitas vezes deixava a percussão em segundo plano. Terminando a segunda, Lia de Itamaracá colocou o folião mais disposto na ciranda. No final, o Rec Beat terminou mostrando que, no próximo ano, o local vai ser pequeno para a festa.